

Consumo de Energia Elétrica	Julho de	Consumo na Rede		Mercado Livre	
	2011	TWh	Var.%	TWh	Var.%
Brasil	No mês	▲ 35,1	3,7	▲ 9,4	3,9
	Em 12 meses	▲ 423,8	4,5	▲ 110,4	11,5

Consumo residencial e comercial de eletricidade cresce cerca de 8% em julho Demanda na indústria fica estagnada na comparação com igual mês de 2010

O consumo nacional de energia elétrica na rede somou 35.069 gigawatts-hora (GWh) em julho de 2011, 3,7% acima do registrado no mesmo período de 2010. Esta alta reflete as taxas de crescimento das classes residencial (7,9%) e comercial (8,3%).

O consumo de energia elétrica das indústrias, em julho de 2011, foi praticamente o mesmo de um ano atrás, crescendo apenas 0,3%.

CONSUMO RESIDENCIAL RECUPERA CRESCIMENTO

O consumo residencial no país voltou a crescer forte no mês de julho (7,9%). Houve recuperação em todas as regiões, com taxas entre 5,3% (Norte e Centro-Oeste) e 9,1% (Sudeste).

Após baixo incremento em junho (2,5%), o consumo residencial voltou a registrar crescimento elevado em julho: 7,9%. A região Nordeste foi destaque, apontando expansão de 5,7% depois de crescimento médio de 1,6% entre março e junho. Vale registrar o desempenho no Sudeste, 9,1%, o maior desde dezembro de 2009.

Ajustes no calendário de leitura do consumo em importantes mercados em julho do ano passado reduziram a base de comparação (ver Gráfico 2). No Sudeste, com crescimento expressivo em todos os estados, São Paulo, que concentra 63% do consumo residencial, foi responsável por 6,4 p.p da taxa regional, refletindo 2,2 dias a mais na leitura do consumo de uma grande distribuidora.

Continua na pág. 2

CONSUMO COMERCIAL EM CRESCIMENTO ELEVADO

Acesso ao crédito, elevação da massa salarial e baixo nível de desemprego puxam o consumo comercial em todas as regiões do país.

O consumo comercial e de serviços apresentou crescimento elevado (8,3%) em julho de 2011, em parte explicado pela comparação com uma base depreciada. Em julho do ano passado, uma das maiores empresas distribuidoras do país contabilizou menos dias de faturamento, correspondendo, conseqüentemente, a um faturamento maior agora. Sem esse efeito, o crescimento no mês seria de cerca de 7,6%, resultado que reforça o bom desempenho da classe.

Região de maior participação no consumo da classe, o Sudeste cresceu 9,2%. Somente o estado de São Paulo respondeu por 5,2 p.p. desse resultado. Na região Sul, segunda em participação, Santa Catarina e Rio Grande do Sul registraram crescimentos respectivos de 9,7% e 6,1% para o consumo comercial. A base de consumidores comerciais nesses dois estados ampliou em 12 meses 13,8% e 6,2%, respectivamente, bem acima do que se verificou para a totalidade da classe (4,4%). A migração para a classe comercial de condomínios antes cadastrados na classe residencial já se percebe, sobretudo na área metropolitana catarinense e gaúcha.

Continua na pág. 2

ECONOMIA MUNDIAL EXPLICA O MODESTO CONSUMO DE ELETRICIDADE INDUSTRIAL EM 2011

LEIA NO BOX DA PÁGINA 3

CONSUMO INDUSTRIAL FICA ESTÁVEL EM JULHO

O consumo industrial não aumentou em relação a 2010. Nordeste voltou a apresentar retração e Sudeste e Sul registraram variação negativa pela primeira vez no ano. Centro-Oeste repetiu forte crescimento, influenciado por Goiás.

O consumo industrial na rede totalizou, em julho de 2011, 15.352 GWh, praticamente o mesmo valor de julho do ano passado (alta de 0,3%, a menor desde novembro de 2008). Pela primeira vez no ano, o Sudeste e o Sul registraram variação negativa, respectivamente -0,4% e -1,7%. Por unidade da federação, têm-se as seguintes variações: RJ: -14%; MG: 2,0%; São Paulo: 0,1%, ES: 5,4%; PR: -2,9%; SC: -2,1%; RS: -0,1%.

Tal movimento se deu em conformidade com a evolução da produção física industrial levantada pelo IBGE (ver Gráfico 3).

O consumo industrial no Sudeste apontou queda de 0,4% em julho, em função da variação negativa (-14,2%) observada no Rio de Janeiro. Tal fato se deu pelo aumento temporário do consumo na rede, de uma indústria siderúrgica autoprodutora, nesta mesma época em 2010. Muito pesou, também, a desaceleração no ritmo de crescimento do consumo industrial em São Paulo e em Minas Gerais, que, juntos, representam aproximadamente 85% do mercado industrial regional. Este movimento acompanhou a evolução da produção física nos dois estados, cujos dados estão disponíveis até junho (ver Gráfico 3).

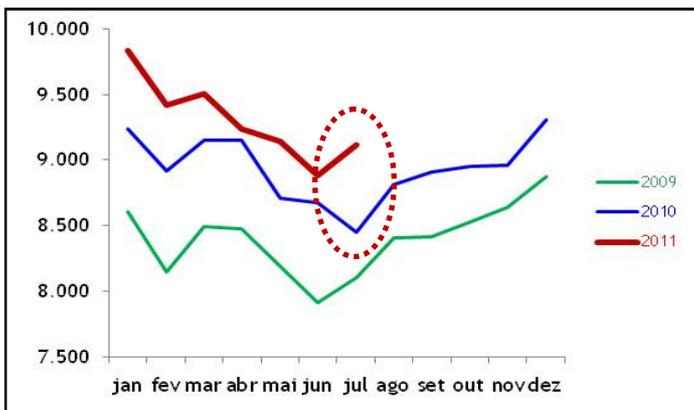
Continua na pág. 2

Residencial (continuação)

No Nordeste, a Bahia (cerca 30% do consumo residencial na região) cresceu acima da média, com taxa de 6,5%. Foi responsável por 1,8 p.p.da taxa regional, também sob o efeito de 1,33 dias a mais na leitura do consumo.

Já no Sul, o aumento médio de 8,7% em julho teve influência do frio rigoroso na região, levando ao uso intensivo de sistemas de climatização. Os dados acumulados

Gráfico 1—Brasil. Consumo residencial (GWh)



Fonte: Simples-EPE

revelam que o consumo residencial segue sustentando crescimento significativo, 4,6% no período janeiro-julho e 4,7% em 12 meses. Os aumentos relacionam-se com indicadores econômicos que vêm atuando positivamente sobre o consumo, entre os quais aumento continuado do emprego (1,6 milhões de postos novos em 12 meses-CAGED), da massa salarial (12,2% em 2 anos-IBGE) e da renda média (3,8%-IBGE), além da oferta de crédito a pessoas físicas (18,1% de janeiro a junho-BACEN). Com efeito, o IBGE aponta que o volume de vendas do item *eletrodomésticos e móveis* segue com elevado crescimento, 17,7% no período janeiro-junho, após 18,3% no fechamento de 2010. ■

Comercial (continuação)

Na comparação regional, o Centro-Oeste apresentou maior taxa de crescimento (12,4%). Goiás e Distrito Federal (mais de 60% do mercado regional) cresceram 12,3% e 17,6%, respectivamente. Em Goiás, o crescimento está atrelado à intensificação do agronegócio que, aliado ao avanço da industrialização, vem fortalecendo a urbanização e o setor de bens e serviços. De fato, segundo a PMC/IBGE, nos últimos 12 meses o volume de vendas no estado de Goiás cresceu 10%. Em termos relativos, o estado foi o que mais gerou empregos no primeiro semestre do ano, com o comércio e serviços respondendo juntos por 1/3 dos empregos gerados (Caged, MTE). No Distrito Federal, o crescimento do consumo comercial tem sido influenciado pelo movimento de instalação de shopping-centers e de grandes redes atacadistas e supermercados, segundo apresentado nas reuniões da Copam. ■

Industrial (continuação)

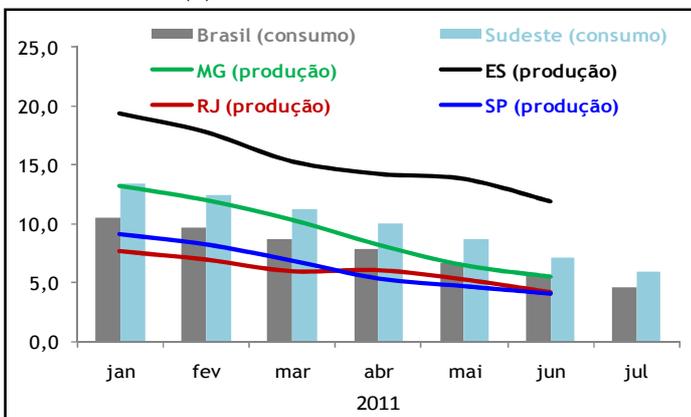
De fato, o movimento de desaceleração industrial vem ocorrendo sistematicamente nos últimos meses e provavelmente persistirá nas estatísticas de julho, haja vista o baixo crescimento no consumo de energia elétrica.

Segundo o IBGE, a produção industrial paulista expandiu 3,9% no primeiro trimestre e 1,1% no segundo. A desaceleração adveio principalmente dos setores de veículos e de alimentos, respectivamente primeira e segunda atividades mais importantes no valor da transformação industrial no estado (IBGE, PIA Empresa - 2009). No consumo de eletricidade, São Paulo registrou alta de 5,6% e de 1,0% no primeiro e no segundo trimestres. Em Minas Gerais, a desaceleração na produção industrial (4,6% no primeiro trimestre e 0,3% no segundo) foi principalmente causada pelo comportamento declinante das taxas na indústria extrativa e na metalurgia, segunda e terceira atividades em importância no valor da transformação industrial mineira. O consumo de energia elétrica acompanhou esse movimento, com taxa de 6,7% no acumulado janeiro-março e de 3,8% no segundo trimestre.

Por outro lado, o Espírito Santo, apesar da desaceleração no ritmo de expansão, sustenta patamar elevado de crescimento, 8,6% no acumulado janeiro-julho e 9,7% em 12 meses. A metalurgia, com a forte presença de usinas de pelotização com produção voltada para exportação, tem sido o carro-chefe desse crescimento, aumentando o consumo em 29% (dado até junho), conforme dados da Copam. A metalurgia responde por 25% do valor da transformação industrial no estado capixaba.

Na região Sul, os três estados registraram variação negativa no consumo industrial de eletricidade em julho. Com a presença de diversos setores voltados para exportação, como o têxtil, couro e calçados, fumo e metal-mecânico, a indústria sulina tem sentido os efeitos da valorização cambial, perdendo competitividade no mercado internacional, conforme dados da Secex e Copam.

Gráfico 2—Taxas (%) de crescimento acumuladas em 12 meses



Fonte: Simples-EPE; IBGE

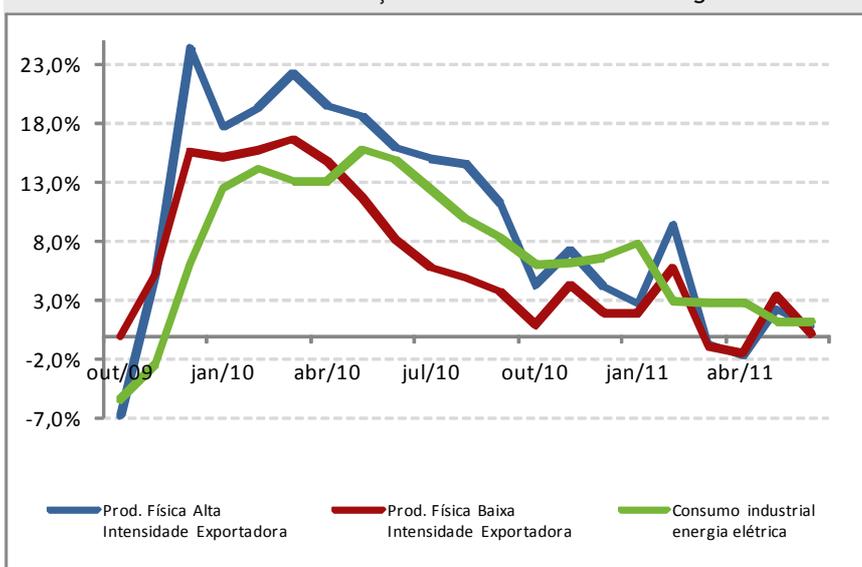
A região Centro-Oeste apontou elevado crescimento de 16,1% em julho, puxado pelo desempenho (25%) em Goiás, que supera 50% do consumo industrial regional. Este elevado crescimento está atrelado, em boa parte, ao consumo de consumidores livres conectados à rede básica. Mesmo sem contabilizar tal consumo, Goiás apresenta expansão significativa, 9,5% em julho e 8,0% no acumulado do ano, acima do desempenho dos demais estados da região. O comportamento do consumo industrial em Goiás tem refletido a intensificação do agronegócio no estado, especialmente no que toca ao complexo da soja. Ressalte-se que a atividade de fabricação de alimentos é a primeira em importância no valor da transformação industrial no estado goiano, com representatividade de 40%. ■

Economia mundial explica o modesto consumo de eletricidade industrial em 2011

A compreensão da evolução do mercado de energia elétrica brasileiro passa necessariamente pela indústria, que responde por 43% do consumo total. Para entender a dinâmica do setor é necessário considerar que o seu consumo está em grande parte associado a segmentos industriais eletrointensivos e com perfil eminentemente exportador, como metalurgia e extrativa mineral.

O IBGE divulga mensalmente a produção física industrial por intensidade exportadora, informação que, a partir de um coeficiente que relaciona o valor das exportações como proporção da receita das empresas industriais, desmembra a produção física nacional em dois blocos de acordo com o seu perfil exportador. Assim, a análise comparativa do consumo industrial de energia elétrica com esse índice de produção física permite avaliar a influência do cenário externo no consumo industrial de eletricidade. O Gráfico 1 ilustra, em termos de taxa de crescimento frente a igual período do ano anterior, a relação entre o consumo de energia e a produção física industrial.

Gráfico 1- Crescimento da Produção Física e consumo de energia na indústria



À semelhança do ocorrido na crise internacional, quando tanto a queda da produção quanto do consumo de energia elétrica dos setores voltados para a exportação se deram de uma maneira mais intensa, no período considerado no Gráfico 1, de retomada pós crise, estes segmentos também reagiram de maneira mais vigorosa.

Observa-se que desde dezembro de 2009 o crescimento da produção física dos setores de alta intensidade exportadora sistematicamente superou o daqueles de baixa intensidade. Em um primeiro momento, isso foi determinante para a retomada acentuada do consumo de energia elétrica. As taxas mais elevadas do segmento de alta intensidade exportadora explicam a manutenção

Fonte: Simples -EPE; IBGE

do elevado crescimento do consumo industrial de eletricidade até setembro de 2010. A partir daí, estas taxas de crescimento vêm se reduzindo acompanhando a desaceleração da produção industrial.

Tabela 1- Produção Física Industrial (crescimento frente a igual período do ano anterior)

Segmento	2010 Ano	2011 I TRI	2011 II TRI
Indústria geral	10,50%	2,60%	0,70%
Indústria extrativa	13,40%	3,30%	2,80%
Indústria de transformação	10,30%	2,60%	0,60%
Metalurgia básica	17,60%	2,40%	-0,20%
Alimentos	4,50%	1,10%	-3,20%
Veículos automotores	24,20%	10,10%	2,60%

Fonte: IBGE

A persistir o cenário externo adverso, como admitido por algumas instituições e especialistas internacionais, é de se esperar que, em 2011, o crescimento da produção física dos segmentos exportadores (Tabela 1) sejam mais modestos quando comparados a 2010. Diante de tal cenário é possível inferir que, no futuro próximo, a magnitude do consumo industrial de energia elétrica estará em grande parte associada ao desempenho do comércio internacional. ■

EPE reúne agentes do setor elétrico

Entre os dias 8 e 12 de agosto foi realizado o 2º ciclo de reuniões da COPAM de 2011 juntamente com a 1ª Reunião Nacional de Mercado do ano. Pela primeira vez, a EPE teve a satisfação de reunir, durante uma semana, os agentes de distribuição de todas as regiões que compõem o Sistema Elétrico Nacional, além de representantes da Aneel, CCEE, Chesf, Eletrobras, Eletronorte, Eletrosul, Furnas e ONS.

Durante este ciclo de reuniões, foram analisados e discutidos os resultados da economia e do mercado de energia elétrica realizados até o segundo trimestre de 2011, e estabelecidas perspectivas para os próximos anos, dentre outros assuntos pertinentes, como o intercâmbio de dados e informações relevantes para os estudos na área de mercado.

ESTATÍSTICA DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA (GWh)

REGIÃO/CLASSE	EM JULHO			ATÉ JULHO			12 MESES		
	2011	2010	%	2011	2010	%	2011	2010	%
BRASIL	35.069	33.813	3,7	247.966	239.414	3,6	423.829	405.553	4,5
RESIDENCIAL	9.116	8.448	7,9	65.129	62.283	4,6	110.061	105.141	4,7
INDUSTRIAL	15.352	15.303	0,3	105.399	102.697	2,6	182.181	174.182	4,6
COMERCIAL	5.659	5.224	8,3	42.640	40.209	6,0	71.600	67.994	5,3
OUTROS	4.943	4.839	2,2	34.798	34.225	1,7	59.987	58.237	3,0
CONSUMO TOTAL POR SUBSISTEMA									
SISTEMAS ISOLADOS	600	550	9,1	3.989	3.828	4,2	6.998	7.259	-3,6
NORTE INTERLIGADO	2.553	2.408	6,1	17.034	16.266	4,7	29.287	27.708	5,7
NORDESTE	4.886	4.872	0,3	34.126	34.413	-0,8	59.278	58.253	1,8
SUDESTE/C.OESTE	21.189	20.311	4,3	150.606	143.983	4,6	257.417	243.882	5,5
SUL	5.841	5.672	3,0	42.210	40.924	3,1	70.850	68.451	3,5
REGIÕES GEOGRÁFICAS									
NORTE	2.349	2.197	6,9	15.627	14.873	5,1	26.990	25.428	6,1
RESIDENCIAL	516	490	5,3	3.420	3.324	2,9	6.019	5.689	5,8
INDUSTRIAL	1.217	1.124	8,3	8.168	7.570	7,9	13.862	12.867	7,7
COMERCIAL	314	287	9,4	2.052	1.956	4,9	3.586	3.373	6,3
OUTROS	302	296	2,2	1.987	2.024	-1,8	3.523	3.499	0,7
NORDESTE	5.919	5.844	1,3	41.038	41.038	0,0	71.190	69.574	2,3
RESIDENCIAL	1.630	1.542	5,7	11.630	11.189	3,9	19.725	18.640	5,8
INDUSTRIAL	2.474	2.530	-2,2	16.485	17.180	-4,0	28.893	29.150	-0,9
COMERCIAL	843	803	5,0	6.149	5.936	3,6	10.519	10.041	4,8
OUTROS	972	969	0,3	6.775	6.733	0,6	12.053	11.743	2,6
SUDESTE	18.616	17.935	3,8	133.081	127.522	4,4	227.536	216.316	5,2
RESIDENCIAL	4.785	4.386	9,1	34.726	32.954	5,4	58.453	55.935	4,5
INDUSTRIAL	8.483	8.521	-0,4	59.028	57.114	3,4	102.419	96.713	5,9
COMERCIAL	3.079	2.821	9,2	23.610	22.201	6,3	39.564	37.675	5,0
OUTROS	2.269	2.208	2,8	15.718	15.253	3,0	27.100	25.994	4,3
SUL	5.841	5.672	3,0	42.210	40.924	3,1	70.850	68.451	3,5
RESIDENCIAL	1.515	1.395	8,7	10.471	10.129	3,4	17.462	16.941	3,1
INDUSTRIAL	2.513	2.557	-1,7	17.496	17.048	2,6	30.023	28.858	4,0
COMERCIAL	952	894	6,5	7.413	6.968	6,4	12.177	11.540	5,5
OUTROS	861	827	4,1	6.831	6.778	0,8	11.187	11.112	0,7
CENTRO-OESTE	2.343	2.166	8,2	16.009	15.057	6,3	27.263	25.783	5,7
RESIDENCIAL	669	635	5,3	4.882	4.687	4,2	8.401	7.936	5,9
INDUSTRIAL	665	572	16,1	4.223	3.785	11,6	6.983	6.593	5,9
COMERCIAL	471	419	12,4	3.417	3.149	8,5	5.754	5.366	7,2
OUTROS	539	539	0,0	3.487	3.437	1,5	6.124	5.888	4,0

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica - Copam/EPE. Dados preliminares.

RESENHA Mensal do Mercado de Energia Elétrica

Publicação da Diretoria de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais da EPE



Coordenação Geral
Maurício Tiomno Tolmasquim
Amílcar Gonçalves Guerreiro

Coordenação Executiva
Ricardo Gorini de Oliveira

Assessoria de Comunicação e Imprensa
Oldon Machado

Equipe Técnica

Carla da Costa Lopes Achão
(coordenação de Economia e Estatística)
Gustavo Naciff de Andrade
Inah Rosa Borges de Holanda
José Manuel David
Leyla Adriana Ferreira da Silva
Luiz Claudio Orleans
Simone Saviolo Rocha